

O México e as lições de Chiapas

O GLOBO

20 MAR 1994

JOSÉ SARNEY

Após figurar por anos com grande realce nas principais páginas econômicas de todo o mundo, como expressão do novo milagre do ajuste na América Latina, o México voltou, com a mesma força da sua História de insurgência, às páginas políticas, graças à rebelião produzida pelo exército zapatista nas serras do empobrecido estado de Chiapas. Retrato do México que mais se aproxima da América Central, pelas suas estruturas políticas e sociais e pela gravidade da sua questão camponesa, Chiapas é por ironia a terra onde pregou e exerceu seu longo bispado o mais combativo dos religiosos que se dedicaram à causa indígena nas Américas, o frei Bartolomé de Las Casas.

O México empobrecido e marginalizado que já havia destruído o projeto "progressista" e positivista do ditador Porfirio Díaz, na mais longa guerra civil latino-americana, voltou a aflorar precisamente quando o país se preparava para ingressar em uma nova era de desenvolvimento, produto de uma reviravolta sem precedentes no seu projeto nacional, que passou a ver os Estados Unidos não mais como ameaça inelutável, mas como a única opção para garantir a sobrevivência do sistema político mexicano e assegurar estabilidade econômica após o colapso do modelo anterior, que associava a substitui-

ção de importações a um peculiar populismo autoritário.

Acostumei-me a ouvir os brasileiros referirem-se ao México, depois de iniciado o milagre salinista posto à prova pelos Chamulas de Chiapas, adotando uma das visões extremas que tantas vezes caracterizam a nossa relação com o mundo exterior: ora o país era visto com soberba e descrença, como se nada significasse para o Brasil por suas limitações, e atraso tecnológico, ora como a "receita" capaz de resolver todos os problemas brasileiros. Ambas as visões pecavam pelo excesso de simplificação. Esqueciam-se os partidários da primeira de que o México concentra a maior parcela do interesse político dos Estados Unidos na América Latina, pela proximidade física, e de que é de tal magnitude a tela dos interesses comuns, inclusive pelo número de mexicano-americanos que há ao norte da fronteira, que os vínculos econômicos entre os dois países são maiores e mais variados do que os que ligam a esmagadora maioria dos países em todo o mundo aos Estados Unidos.

Os partidários da segunda faziam tábua rasa das enormes diferenças que separam o Brasil e o México no plano econômico, político e de recursos naturais e humanos, como se os países latino-americanos, por essa identidade comum, deversem responder identicamente a receituários de ajuste, abertura econômica e desestatização. Esqueciam-se principalmente de que é a estabilidade políti-

ca peculiar do México que assegura a rapidez e a tranquilidade das reformas, e de que a eficácia da equipe do Governo Salinas, reconhecida por muitos como uma das mais competentes, baseia-se amplamente na capacidade de mobilização e arregimentação do Partido Revolucionário Institucional, há mais de 60 anos no poder, e na força sem par do presidencialismo mexicano.

Chiapas agora parece ter introduzido um elemento novo na avaliação do México pós Nafta. Muitos acreditam que, houvesse o exército zapatista desencadeado sua rebelião um mês antes, o Tratado não teria sido aprovado pelo Congresso norte-americano e outro teria sido o resultado do "destape" do candidato do PRI — virtual presidente eleito — para as eleições deste ano. E muitos pensam que o episódio de Chiapas impôs de tal forma a realidade social do país na equação mexicana, que chegaria a comprometer o projeto salinista e a derrubar todo o até então bem-sucedido esforço de marketing interno e externo do Governo mexicano.

Embora Chiapas mostre a dimensão real do continuado desafio mexicano no campo social, em que o programa "solidariedade" aparece como um **band-aid** usado em fraturas expostas, é preciso não inverter completamente as percepções, nem perder-nos nos detalhes quando o processo é bem mais amplo. Seria lamentável que no Brasil se passasse a considerar o episódio como o sinal de um prematuro esgotamento do modelo mexicano. Da mesma forma,

seria ingênuo não acreditar na capacidade de cooptação do sistema político mexicano. Para o Brasil, que há anos vem diminuindo a importância do México como competidor na América Latina, ou exagerando a aplicabilidade da "receita mexicana" para os problemas da nossa economia, esse seria um equívoco prejudicial.

O interesse do episódio de Chiapas para o Brasil soma-se ao interesse que o México deve despertar em nós. Afinal, conhecendo a capacidade de articulação da cúpula política mexicana, que foi capaz de fazer o neto do mesmo Zapata que inspirou a rebelião de Chiapas sentar-se ao lado de Salinas quando o presidente enviou a emenda constitucional que acabou com a reforma agrária da Revolução e permitiu a venda dos **ejidos**, entende-se o alcance político da operação de emergência montada por Salinas para resgatar em Chiapas a plena credibilidade do sistema político mexicano.

Chiapas é contudo uma lição: após a derrubada do mundo comunista, a força e a violência não acabaram como arma política, a incendiar grupos para a ação armada.

O apelo à guerrilha continua vivo e, se as questões sociais chegam a um grau de erupção e o sistema político não tem capacidade de gerenciar o problema nem oferecer solução, o caminho da luta armada continuará sendo uma tentação, queiramos ou não.

José Sarney é senador pelo Amapá.